



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Fonseca, Pedro Carlos Louzada

Misoginia, o mal do homem: postulados filosóficos e literários do mundo antigo e do seu legado
medieval

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 35, núm. 1, enero-junio, 2013, pp. 75-85

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426115009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Misoginia, o mal do homem: postulados filosóficos e literários do mundo antigo e do seu legado medieval

Pedro Carlos Louzada Fonseca

Universidade Federal de Goiás, Campus II (Samambaia), Cx. Postal 131, 74001-970, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: pfonseca@globo.com

RESUMO. Este trabalho examina alguns dos mais significativos postulados filosóficos e literários do mundo antigo e do seu legado medieval, que podem ser considerados como fundamentais na formação da tradição misógina na cultura, pensamento e literatura da Europa Ocidental. Predominantemente pertencentes ao campo da filosofia, entretanto, alguns desses postulados estão em obras que se distinguem não só por sua perspectiva filosófica mas também por seu tratamento formal e estilístico que caracterizam o aspecto estético e literário. Um deles refere-se aos estudos de Aristóteles sobre a fisiologia da mulher, em que ele reduz o papel da fêmea na procriação àquele de matéria-prima, a esperar a agência formadora ou movimentadora do sêmen do homem. Essa consideração aristotélica certamente substanciou uma desagradável equação entre mulher e matéria, a qual encontrou apoio no pensamento religioso da Idade Média. De maneira comparativa e crítica, o trabalho aponta e discute ideias basilares da tradição misógina europeia, por meio de uma seleção e citação de autores do mundo antigo e da escrita religiosa medieval.

Palavras-chave: Antifeminismo filosófico e literário, postulados antigos e medievais.

Misogyny, the male malady: philosophical and literary postulates of the ancient world and its medieval legacy

ABSTRACT. This work examines some of the most significant philosophical and literary postulates which can be considered as fundamental to the formation of the misogynous tradition in the culture, mentality and literature of Western Europe. Predominantly belonging to the field of philosophy, nevertheless, some of these postulates are in works which distinguish themselves not only due to their philosophical perspective but also because of the formal and stylistic treatment which characterizes the esthetic and literary aspect of such works. One of them are Aristotle's studies about the woman physiology, where he reduced her role in the procreation to that of prime matter awaiting the forming and moving agency of the male semen. This Aristotelian consideration certainly substantiated an unpleasing equation between woman and matter, which found support in the religious thinking of the Middle Ages. In a comparative and critical manner, the work points out and discusses basilar ideas of the European misogynous tradition by means of a selection and quotation from authors of the ancient world and from medieval religious writing.

Keywords: Philosophical and literary antifeminism, ancient and medieval postulates.

Introdução*

Os postulados de Aristóteles (384-322 a.C.) acerca da geração ou procriação das espécies animais, incluindo o gênero humano, foram de fundamental influência na formação da misoginia tradicional, não só na época em que foram elaborados, mas também, posteriormente, nos pensamentos medieval e moderno. Tais postulados podem ser encontrados, de forma consistente, em *De generatione animalium* [Da geração dos animais], cujos princípios fisiológicos tiveram considerável impacto,

principalmente a partir do século XII, quando a obra do filósofo começou a ser estudada na Universidade de Paris.

Na verdade, as fontes da misoginia medieval – desconsiderando-se a impressão que se tem de que elas sejam localizadas cada vez mais regressivamente na história das ideias e da cultura ocidental – podem ser identificadas em duas direções: uma conduzindo à antiga lei hebraica, e a outra, ao alvorecer da cultura grega, onde, por exemplo, já em Hesíodo (c. 750 a.C.), aparecem certas imagens da mulher como responsável pela introdução do mal no mundo (ALLEN, 1985, p.14-15).

O legado dos pronunciamentos de Aristóteles sobre o gênero feminino, apesar do peso da *auctoritas*

* Este artigo é produto parcial da pesquisa intitulada "Mulher difamada e mulher defendida no pensamento medieval: textos fundadores" e integra a Rede Goiana de Pesquisa sobre a Mulher na Cultura e na Literatura Ocidental da Fapeg – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. A pesquisa, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca recebeu apoio financeiro dessa instituição de fomento para o período de 2013 – 2014.

que o filósofo havia adquirido na Idade Média, não foi, entretanto, absolutamente incontestável. Em mais de um momento, médicos e comentadores discutiram acerca das mais derogatórias deduções que a fisiologia de Aristóteles havia estabelecido para o corpo feminino, principalmente aquelas que a ele se referiam como uma espécie de corpo masculino deformado, ou cuja finalidade procriadora teria sido distorcida. É bastante conhecida a redução aristotélica da função da mulher na procriação como responsável pela contribuição da matéria-prima apenas, semente inativa e informe, à espera do princípio formador e animador encontrado no sêmen do homem.

Apesar de controversos, tais postulados aristotélicos, direta ou de forma modulada presentes na formação de vários tratados da chamada literatura patrística da Idade Média, e até mesmo do seu legado, conforme será examinado no decorrer deste trabalho, disseminaram ainda a sua epistemologia misógina de natureza filosófica para o campo do literário, fato que pode ser verificado de forma consistente a exemplo da influente obra enciclopédica de Santo Isidoro de Sevilha (c. 570 - 636) denominada *Etymologiae* [Etimologias], obra esta a ser examinada neste trabalho a título de exemplificação dessa disseminação, visto a obra do santo de Sevilha, apesar de seu cunho filosófico, se comprometer com um tipo de construção narrativa em que o fictício e o imaginário compõem com grande força inventiva para explicar a origem das palavras. (FONSECA, 2010).

A fim de se aquilatar a importância que os preceitos fisiologistas de Aristóteles tiveram na construção linguística, retórica e imaginária da figura feminina, torna-se necessário examinar uma seleção antológica, ainda que sucinta, de pontos surgidos na discussão de Aristóteles acerca do sêmen, da menstruação e da espécie de contribuição da mulher na procriação.¹

Aristóteles comenta sobre o sêmen masculino, uma espécie de resíduo nutricional em forma de sangue, de grande potência, obtido graças a uma especial preparação calorífera mais intensa no corpo do macho. Fala, em contrapartida, sobre o resíduo feminino, menos preparado em termos nutricionais, expelido do corpo da fêmea em maior quantidade fluídica, como sangue ralo e deteriorado, de valor potencial mais fraco por causa da menor quantidade

de calor produzido em criaturas inferiores, como as fêmeas:

Semen is pretty certainly a residue from that nourishment which is in the form of blood and which, as being the final form of nourishment, is distributed to the various parts of the body. This, of course, is the reason why semen has great potency – the loss of it from the system is just as exhausting as the loss of pure healthy blood [...] Now (i) the weaker creature too must of necessity produce a residue, greater in amount and less thoroughly concocted; and (ii) this, if such is its character, must of necessity be a volume of bloodlike fluid. (iii) That which by nature has a smaller share of heat is weaker; and (iv) the female answers to this description [...] (ARISTOTLE, 1963, 726b).²

Na sequência dos comentários sobre as secreções procriadoras produzidas pelo macho e pela fêmea, Aristóteles chega aos seus famosos postulados binômios sobre matéria / corpo e forma / alma; realidades que, respectivamente, caracterizariam, na geração dos descendentes, a contribuição da propriedade formativa e animadora do sêmen do macho, altamente nutriente por causa da sua natureza calorífera, e a contribuição da propriedade passiva e não formativa do resíduo nutriente feminino, dada a frieza da sua natureza:

Now it is impossible that any creature should produce two seminal secretions at once, and as the secretion in females which answers to semen in males is the menstrual fluid, it obviously follows that the female does not contribute any semen to generation; for if there were semen, there would be no menstrual fluid; but as menstrual fluid is in fact formed, therefore there is no semen (ARISTOTLE, 1963, 727a). By now it is plain that the contribution which the female makes to generation is the *matter* used therein, that this is to be found in the substance constituting the menstrual fluid, and finally that the menstrual fluid is a residue (ARISTOTLE, 1963, 727b). [...] A woman is as it were an infertile male; the female, in fact, is female on account of inability of a sort, viz., it lacks the power to concoct semen out of the final state of nourishment [...] because of the coldness of its nature (ARISTOTLE, 1963, 728a). The male provides the 'form' and the 'principle of the movement', the female provide the body, in other words, the material (ARISTOTLE, 1963, 729a).

Na ordem dessas reflexões, Aristóteles dá a entender que a contribuição da fêmea na geração, o seu fraco resíduo seminal, é responsável pela

¹Para tal seleção, que se preferiu neste trabalho citar através das seções 726b, 727a, 727b, 728a, 729a, 737a, 738b e 775a do *De generatione animalium*, foi utilizada a tradução de A. L. Peck, *Aristotle: Generation of Animals* (1963), cujos trechos selecionados do original correspondem às páginas 91-93, 97, 101-103, 109, 173-175, 185 e 459-461. Igualmente a este método, para a citação das demais obras de autores antigos e medievais que exemplificam o tema estudado, optou-se por referenciar, no decorrer deste trabalho, apenas as suas seções e partes que tratam dos aspectos discutidos.

² A seleção de textos e alguns comentários buscados a autores clássicos da misoginia ocidental, bem como aqueles que constituem o legado mais representativo dessa atitude antifeminista no período medieval, deve-se, em sua maior parte, à sugestão antológica apresentada para o estudo dessa matéria por Alcuim Blamires em *Woman Defamed and Woman Defended: An Anthology of Medieval Texts* (1992).

produção de machos deformados, isto é, de descendentes do sexo feminino, pois lhes faltaria o princípio da alma, apenas encontrado, em sua inteireza, no sexo masculino. Portanto, a não produção de machos parece ser devida, em princípio, a uma espécie de atuação falha da fêmea genitora:

When the semen has entered the uterus it 'sets' the residue produced by the female and imparts to it the same movement with which it is itself endowed. The female's contribution, of course, is a residue too, [...] and contains all the parts of the body *potentially*, though none in *actuality*; and 'all' includes those parts which distinguish the two sexes. Just as it sometimes happens that deformed offspring are produced by deformed parents, and sometimes not, so the offspring produced by a female are sometimes female, sometimes not, but male. The reason is that the female is as it were a deformed male; and the menstrual discharge is semen, though in an impure condition; i. e. it lacks one constituent, and one only, the principle of Soul (ARISTOTLE, 1963, 737a).

Aristóteles dá a entender, na passagem a seguir, que a alma de cada corpo vivo é uma dotação do genitor, ao passo que o corpo, a parte física da criatura, vem da genitora, pois somente o sêmen masculino possui a capacidade de carregar a alma, essência de cada corpo em particular, a qual é impressa na matéria, dando-lhe forma:

An animal is a living body, a body with Soul in it. The female always provides the material, the male provides that which fashions the material into shape; this, in our view, is the specific characteristic of each of the sexes: that is what it means to be male or female. Hence, necessity requires that the female should provide the physical part, i. e., a quantity of material, but not that the male should do so, since necessity does not require that the tools should reside in the product that is being made, nor that the agent which uses them should do so. Thus the physical part, the body, comes from the female, and the Soul from the male, since the Soul is the essence of a particular body (ARISTOTLE, 1963, 738a).

No trecho a seguir, o filósofo, continuando a sua reflexão sobre a condição de deformidade natural da fêmea, diz que, devido à frialdade da sua natureza, ela se desenvolve de forma mais débil e mais rapidamente perecível, uma vez que as coisas inferiores cumprem o seu fim mais rapidamente:

Once birth has taken place everything reaches its perfection sooner in females than in males – e. g. puberty, maturity, old age – because females are weaker and colder in their nature; and we should look upon the female state as being as it were a deformity, though one which occurs in the ordinary

course of nature. While it is within the mother, then, it develops slowly on account of its coldness, since development is a sort of concoction, concoction is effect by heat, and if a thing is hotter its concoction is easy; when, however, it is free from the mother, on account of its weakness is quickly approaches its maturity and old age, since inferior things all reach their end more quickly (ARISTOTLE, 1963, 775a).

Nessa breve seleção de pronunciamentos de Aristóteles sobre a fêmea, percebe-se uma maior derrogação da imagem feminina em relação à sua incapacidade em processar, de forma mais depurada, o nutriente convertido especialmente em sangue, o qual não atinge, de forma completa, o seu estado final de nutrição seminal por causa da insuficiência de calor que caracteriza a sua natureza. É por essa razão que o fluido menstrual é uma espécie de sêmen em condição impura, faltando-lhe um único constituinte – o princípio da Alma. Uma vez que, desde a tradição aristotélica, tal funcionamento do corpo feminino foi visto assim de forma tão negativa, a menstruação tornou-se uma preocupação constante não só da medicina, mas também da religião medieval.

Assim, a condição de impureza da menstruação indicava a sujidade feminina, refletida não só no terreno da fisiologia, mas também no campo moral e religioso. Dentre outras superstições, o imaginário medieval conferia a ideia de que, se um homem fizesse sexo com uma mulher em estado de menstruação, estaria correndo o risco de contrair a lepra (JACQUART; THOMASSET, 1988, p. 186). Esse aspecto fisiológico da mulher reprimia o seu completo desenvolvimento humano, tornando-a incapaz de igualar-se ao homem porque, diferente dele, o seu sistema corporal dava mostras da sua mais anômala inoperância: ter de se manter limpando periodicamente de uma espécie de água residual suja.

As crenças imaginárias, derivadas dos pronunciamentos da tradição aristotélica sobre a fisiologia da menstruação, vão desde as mais ingênuas às mais grotescas e sinistras. Em um livro do século XIII, intitulado *De secretis mulierum* [Do segredo das mulheres], bastante popular e espuriamente atribuído a Alberto Magno, encontram-se os mais bizarros comentários acerca da mulher em estado de menstruação: normalmente poderia ser venenosa, mas, especialmente numa mulher menstruando irregularmente ou numa velha, cujo sistema menstrual era considerado em estado de deterioração, os danosos fluidos, ao procurarem uma saída, poderiam ser transmitidos pelos olhos, tendo inclusive a capacidade de envenenar crianças pequenas (JACQUART; THOMASSET, 1988, p. 75-76).

Esses perniciosos atributos da menstruação, ao lado de muitos outros constantes da natureza feminina, criaram tradicionais crenças femifóbicas, indicando a ideia de uma adversidade biológica, na atração e no exercício sexual, do poder da mulher sobre a vida do homem. André Capelano (século XII) exemplifica isso no comentário de, certa vez, ter lido em um tratado de medicina que a atividade sexual fazia o homem envelhecer mais cedo. Em seu livro sobre o amor (*De amore*, c. 1185), a propósito do descontrole danoso causado ao homem pelo sexo com uma mulher, diz o autor:

It does not matter how full of sound sense a man is. Once enticed to sexual intercourse he cannot observe moderation, deploy his wisdom to control tendencies to sexual indulgence, or curb his lethal activities (CAPELLANUS, 1982, III. 62).

Essa opinião, bastante corrente na literatura patrística da Idade Média, pode ser bem representada por São Jerônimo (c. 342-420), no seu misógino *Adversus Jovinianum* [Contra Joviniano] (c. 393), em passagens como aquela de I. 49 na qual comenta que: “The love of a beauty buries reason and is close neighbour of madness [...]” (JEROME, 1893, I, 49, p.416).

Aristóteles e Galeno (131-201) haviam comentado que o sêmen masculino era uma espécie de resíduo de sangue altamente refinado. Consoante a essa opinião, havia a suposição, entre os médicos e fisiologistas medievais, de que a atividade sexual, praticada com muita frequência, poderia literalmente drenar a vitalidade do sangue do homem, debilitando-lhe, talvez, o cérebro ou mesmo os olhos (ARISTOTLE, 1963, 726b; ROUSSELLE, 1988; JACQUART; THOMASSET, 1988).

É de se constatar que tais depoimentos antifeministas tenham decorrido da postulação aristotélica de que a fêmea seria uma espécie de macho incompleto, deformado, cuja geração não havia resultado satisfatória, principalmente devido ao corpo feminino ser, por natureza, mais frio, não conseguindo, por essa razão, refinar os seus fluidos seminais da mesma forma que o corpo masculino. Facilitado pelo calor natural do seu corpo, o macho produz o seu sêmen, o qual difere do fluido feminino, cuja acumulação em forma de mênstruos requer purgações periódicas.

Na esteira dessas ideias aristotélicas, ligadas à fisiologia dos sistemas sexuais do macho e da fêmea, Galeno desenvolve interessantes pontos de vista acerca da anatomia da deformidade da genitália feminina. Galeno foi um médico da corte do imperador Marco Aurélio e escreveu extensamente sobre medicina e sobre anatomia. Durante a Idade Média, o que escreveu, originalmente em grego, foi

transmitido por escritos árabes. Galeno confirmou a teoria hierárquica dos sexos cunhada por Aristóteles. Ao comentar sobre a diferença de temperatura entre o sexo feminino e o masculino, ele acreditava que o pouco calor do corpo feminino era a causa dos seus órgãos geradores terem ficado internalizados, numa posição, portanto, inversa aos do corpo masculino.

A fim de se poder avaliar a importância dos preceitos fisiologistas e anatomistas de Galeno, em relação ao que ele segue ou acrescenta ao que Aristóteles expõe em *De Generatione animalium*, a seguinte seleção antológica, extraída do seu livro *De usu partium* (final do século II) [Das partes do corpo], serve para apresentar pontos básicos da sua contribuição, no desenvolvimento da tradição aristotélica, à questão da geração do sexo masculino e do sexo feminino.³

Diferenciando-se de Aristóteles, Galeno apresenta alguns reconhecimentos mais simpáticos a uma maior participação da fêmea na geração. Como exemplo está o fato da presença da sua semente no coito, contribuindo, assim, com o ‘sêmen’ feminino na concepção. No seu livro, aborda a questão da presença e da quantidade do calor, instrumento primordial da Natureza, como a razão da perfeição do macho, tanto nos animais quanto nos seres humanos. As fêmeas, segundo Galeno, são mais imperfeitas do que os machos no seu aparelho genital que, por insuficiência do calor do seu corpo, não adquiriu a plenitude de uma manifestação exterior. Galeno faz questão de frisar que essa mutilação é vantajosa, pois convalida a necessidade da presença da fêmea no processo da geração:

Now just as mankind is the most perfect of all animals, so within mankind the man is more perfect than the woman, and the reason for this perfection is his excess of heat, for heat is Nature's primary instrument. Hence in those animals that have less of it, her workmanship is necessarily more imperfect, and so it is no wonder that the female is less perfect than the male by as much as she is colder than he. In fact, just as the mole has imperfect eyes, though certainly not so imperfect as they are in those animals that do not have any trace of them at all, so too the woman is less perfect than the man in respect to the generative parts. For the parts were formed within her when she was still a foetus, but could not because of the defect in the heat emerge and project on the outside, and this, though making the animal itself that was being formed less perfect than one that is complete in all respects, provided no small advantage for the race; for there needs must be

³Para tal seleção, constante de II. 299, II. 300 e II. 301, do *De usu partium*, foi utilizada a tradução de Margaret Tallmadge, *Galien: On the Usefulness of the Parts of the Body* (1968) [Sobre a utilidade das partes do corpo], cujos trechos selecionados do original correspondem às páginas 630-632.

a female. Indeed, you ought not to think that our Creator would purposely make half the whole race imperfect and, as it were, mutilated, unless there was to be some great advantage in such a mutilation (GALEN, 1968, II. 299).

No que se segue, Galeno imprime ao sentido de mutilação da fêmea certa dignidade natural e tenta racionalizar os fatos: se a fêmea é imperfeita por falta de calor suficiente, não encontrado no seu corpo, essa mesma insuficiência calorífera, não favorecendo a dispersão do nutriente, mantém-no em forma de material abundante para a vida uterina do feto. Assim, naturalizando a constituição mais frígida da fêmea, comenta Galeno que a sua insuficiência de calor corporal manteve a genitália escrotal recolhida, formando o útero para abrigar o feto, promovendo a geração e a continuidade da raça. Nesse caso, a existência da fêmea decorre de uma simples necessidade natural de adjunção:

Let me tell what this is. The foetus needs abundant material both when it is first constituted and for the entire period of growth that follows. [...] Accordingly, it was better for the female to be made enough colder so that she cannot disperse all the nutriment which she concocts and elaborates. [...] This is the reason why the female was made cold, and the immediate consequence of this is the imperfection of the parts, which cannot emerge on the outside on account of the defect in the heat, another very great advantage for the continuance of the race. For, remaining within, that which would have become the scrotum if it had emerged on the outside was made into the substance of the uteri, an instrument fitted to receive and retain the semen and to nourish and perfect the foetus (GALEN, 1968, II. 300).

Na sequência de suas reflexões sobre a imperfeição da mulher, como necessidade planejada pela sabedoria do Criador para a geração das criaturas, Galeno, ainda tocando na questão da importância da quantidade de calor, em excesso no macho e deficiente na fêmea, parece chegar a uma pacífica concordância relativamente à relevância que os dois teriam na geração dos seus descendentes. Consoante a isso, preocupado com a constituição anatômica das partes sexuais do macho e da fêmea, faz uma analogia dessas partes, chegando ao ponto de dizer que as mulheres têm testículos (ovários) como os homens, e que ambos produzem sêmen, mais perfeitos nestes e imperfeitos naquelas. Entretanto, mesmo essa imperfeição das partes sexuais da fêmea tem uma função compensatória, advinda da necessidade da natureza, na geração dos animais:

Forthwith, of course, the female must have smaller, less perfect testes, and the semen generated in them

must be scantier, colder, and wetter (for these things too follow of necessity from the deficient heat). Certainly such semen would be incapable of generating an animal. [...] The testes of the male are as much larger as he is the warmer animal. The semen generated in them, having received the peak of concoction, becomes the efficient principle of the animal. Thus, from one principle devised by the Creator in his wisdom, that principle in accordance with which the female has been made less perfect than the male, have stemmed all these things useful for the generation of the animal: that the parts of the female cannot escape to the outside; that she accumulates an excess of useful nutriment and has imperfect semen and a hollow instrument to receive the perfect semen; that since everything in the male is the opposite [of what it is in the female], the male member has been elongated to be most suitable for coitus and the excretion of semen; and that his semen itself has been made thick, abundant, and warm (GALEN, 1968, II. 301).

Além de Galeno, dentre outros no mundo antigo, o fisiologismo de Aristóteles – relativo à participação do macho e da fêmea na geração dos animais e, por analogia, do homem e da mulher na geração da sua prole – deixou um influente legado no pensamento dos mais importantes religiosos da Idade Média. Especialmente quando estes estavam preocupados com a questão da definição do gênero ligada às ideias aristotélicas de matéria e forma, as quais foram respectivamente utilizadas para indicar as propriedades do feminino e do masculino.

Das raízes clássicas da misoginia ao seu legado medieval

Apesar da variada gama de escritos medievais em que se basearam – quer de forma mais direta e literal, quer de maneira mais metafórica, simbólica ou figurativa – nos postulados aristotélicos fundamentados nessas ideias de qualificação genérica, os escritos de Santo Anselmo e de São Tomás de Aquino servem para dar uma exemplar e suficiente mostra do tratamento da questão no período medieval.

Santo Anselmo (1033-1109), um monge beneditino que havia chegado a Arcebispo de Cantuária, é uma figura curiosa, principalmente por seus escritos trazerem um imaginário não muito ortodoxo relativamente à questão do gênero transferida para o terreno do sagrado. Compôs uma prece lírica a São Paulo, na qual as metáforas simbólicas da geração e da nutrição de uma nova vida, muito apreciadas no cristianismo, imaginaram a figura de Jesus Cristo como uma verdadeira mãe (ALLEN, 1985, p.265-266). Mesmo em termos de análise filosófica, na sua principal obra, *Monologium*, Santo Anselmo, desafiando preconceitos canônicos,

discute sobre o gênero do sagrado. Por meio de um curioso raciocínio, que joga com o gênero das principais palavras-conceito utilizadas para definir os atributos do Supremo Espírito (Deus) e do seu filho Jesus, chega à seguinte conclusão: ambos podem ser, indiferentemente, chamados de pai e de filho ou de mãe e de filha, visto que ambos têm igualmente, no seu mais supremo teor, espírito (i. e., *spiritus*, no latim, uma palavra do gênero masculino) e verdade e sabedoria (i. e., *veritas* e *sapientia*, palavras do gênero feminino, no latim).

Entretanto, após essa instigação que lembra o método etimológico de Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo retrocede na sua conclusão. Lembra-se, para tanto, do conceito aristotélico da função paterna como causa principal da geração (princípio desse bastante de acordo com o postulado bíblico da precedência de Adão sobre Eva na Criação) e conclui, definitivamente, que o Supremo Espírito só poderia ser mesmo masculino, o mesmo acontecendo com o seu Filho, ao Pai unido em Espírito.

O trecho a seguir, constante do capítulo 42 do *Monologium*, constitui uma derivação figurada e ideológica das ideias fisiologistas de Aristóteles e das ideias etimologistas de Santo Isidoro de Sevilha acerca das razões pelas quais o pai teria precedência como causa primeira na geração, visto que é o princípio da Alma, responsável pela forma e pelo movimento. A mãe vem em segundo plano, entrando com a matéria para a composição corporal dos descendentes.⁴

I should now like to infer, if I can, that the Supreme Spirit is most truly father and the Word most truly son. Yet, I think I ought not to bypass the question of which set of terms is more suitable for them – ‘father and son’ or ‘mother and daughter’ – for there is no sexual distinction in the Supreme Spirit and the Word. For if the Supreme Spirit is appropriately father and its offspring appropriately son because each is spirit, then by parity of reasoning why is it not appropriate for one to be mother and the other to be daughter on the grounds that each is truth and wisdom? Is it [preferable to call them father and son] because among those natures which have a difference of sex it is characteristic of the better sex to be father and son and of the inferior sex to be mother and daughter? Now, although such is naturally the case for many beings, for others the reverse holds true. For example, in some species of birds the female sex is always larger and stronger, the male sex smaller and weaker. But surely, the Supreme Spirit is more suitably called father than

mother because the first and principal cause of offspring is always the father. For, if the paternal cause always in some way precedes the maternal cause, then it is exceedingly inappropriate for the name ‘mother’ to be applied to that parent whom no other cause either joins or precedes for the begetting of offspring (ANSELM, 1974, i 55-56).

Os postulados aristotélicos referentes à equivalência fisiologista da mulher à matéria chegaram ao século XIII e tiveram, no pensamento escolástico de São Tomás de Aquino (1225-1274), uma significativa repercussão e interesse. Talvez o que mais tenha instigado o teólogo, na sua busca de explicação pragmática para os mistérios da teologia, tenha sido a questão de Cristo não ter contraído o Pecado Original, apesar de concebido do ventre de uma mulher. A explicação encontraria o seu perfeito suporte no princípio aristotélico de que sempre o macho é que transmite o sêmen encarregado de dar formação e movimento anímico ao descendente. Como, segundo a Bíblia, Cristo não teve pai humano, então ele esteve livre da transmissão do Pecado Original (BORRESEN, 1981).

Algumas questões apresentadas na *Summa Theologiae* (1266-1272) [Suma teológica], relativamente à visão tomista sobre a mulher, referem-se à sua responsabilidade na introdução do Pecado Original no mundo, à isenção do mesmo em Cristo, e a assuntos que retomam a tradicional e debatida inferioridade biológica, moral e espiritual da mulher. São Tomás de Aquino compartilhou da ideia agostiniana de que o pecado de Eva foi realmente mais grave do que o de Adão, devido à presunção que a fez acreditar na serpente (AUGUSTINE, 1982, ii, 175-176). Ainda assim, o autor da *Summa* tentou conciliar os virulentos pronunciamentos patrísticos misóginos com os pronunciamentos misóginos de Aristóteles, a fim de que, mesmo aceitando-se o fato de a mulher ser um macho defeituoso, a Igreja devesse reconhecê-la como uma criação de Deus que, apesar de mais imperfeita do que o homem, seria, ainda assim, indefectível, visto que o Supremo Criador não cometera erro algum na Criação.⁵

Respondendo à questão se alguém deveria amar mais a mãe do que o pai, São Tomás de Aquino adere nitidamente aos já anteriormente comentados postulados aristotélicos sobre a primazia do macho, como causa primeira e mais eficiente na geração dos animais. Não descartando o fato de que tanto o pai quanto a mãe são princípios necessários à nossa

⁴Sobre essa questão do pai como causa primeira, Santo Isidoro de Sevilha, em IX. v. 3, das *Etymologiae*, diz que o pai (*pater*) é a origem e a cabeça da família (*paterfamilias*), sendo assim chamado porque ele procria um filho para colocar em bom termo final uma capacidade (*patratiōne*).

⁵Para a apresentação dessas e de outras ideias tomistas sobre o sexo feminino, contrafrático ao masculino, foram utilizadas as traduções de R. J. Batten OP, para xxxiv da *Summa Theologiae* (1975) e de Edmund Hill OP, para xiii (1963) da *Summa Theologiae*, cujos trechos selecionados dos originais correspondem, respectivamente, às páginas 149 e 35-39.

origem, diz, entretanto, que a força anímica, a alma, vinda da semente paterna e que dá forma ao ser, tem um papel superior a ser reconhecido e valorizado pelos seus descendentes:

Reply) It is the father who ought to be loved more than the mother. For one's father and mother are loved as principles in our natural origin. But the father, as the active partner, is a principle in a higher way than the mother, who supplies the passive or material element. And so, speaking *per se*, the father should be loved more. Hence: (I) In human generation, the mother provides the matter of the body which, however, is still unformed, and receives its form only by means of the power which is contained in the father's seed. (AQUINAS, 1963, xxxiv. II. ii. 26. 10).

Na seção da *Summa* que se segue, São Tomás de Aquino retoma comentários feitos por Aristóteles e por Santo Agostinho sobre o gênero feminino. Trata do conceito aristotélico da mulher como homem fracassado e imperfeito (*manqué*) (ARISTOTLE, 1963). Também questiona sobre a sua participação na produção original das coisas. Conclui que a mulher não poderia ter participado na criação original porque, nela, tudo foi criado perfeito, segundo a onisciência e a onipotência divinas. Portanto, a conclusão é óbvia: a mulher seria inferior, em capacidade e em qualidade, ao homem, não só por não ter participado na criação original das coisas, mas também por ter promovido, presunçosamente, a introdução do pecado no mundo. Deve, portanto, ser conservada em estado de submissão, porque a inferioridade é resultado daquele que pecou primeiro (*Gênesis* 3: 16).

Recordando Santo Agostinho, diz que a maior honra cabe à causa ativa, que é prerrogativa do sexo masculino (AUGUSTINE, 1982, XII. 16; MIGNE, 1844-1864, 43.467). Essa é outra razão pela qual a mulher não deve ter sido produzida na criação original das coisas, ocorrida antes do Pecado. Entretanto, São Tomás de Aquino, conforme comentado anteriormente, não descarta a necessidade de a mulher ter sido criada não só à semelhança do homem (*Gênesis* 2: 18), mas também para acompanhá-lo e para ajudá-lo na procriação dos seus descendentes (AUGUSTINE, 1982, IX. 5). Por outro lado, explica, de acordo com Aristóteles, que o sexo feminino só é produzido quer por uma debilidade do poder ativo da semente do homem, quer devido ao material seminal da mulher ou por causa de fatores externos (ARISTOTLE, 1963, 766b).

Diz ainda Santo Agostinho que o defectivo do sexo feminino é uma questão individual apenas, não se referindo à tendência da natureza da espécie humana como um todo, a qual, criada por Deus, deve-lhe extrema obediência. Entretanto, São

Tomás de Aquino não deixa de insinuar a presença da participação da mulher na procriação, apesar de desempenhar um expediente de segunda ordem, o que a coloca num plano visivelmente secundário e discriminatório:

Should woman have been made in that original creation of things? THE FIRST POINT: 1. It seems that woman ought not to have been produced in the original production of things. For the Philosopher says that female is a male *manqué*. But nothing *manqué* or defective should have been produced in the first establishment of things; so woman ought not to have been produced then. 2. Again, subjection and inferiority are a result of sin; for it was after sin that woman was told, 'Thou shalt be under the power of the man'; and Gregory says that where we have done no wrong, we are equal. Yet woman is by nature of lower capacity and quality than man; for the active cause is always more honourable than the passive, as Augustine says. So woman ought not to have been produced in the original production of things before sin. [...]. ON THE OTHER HAND, there is Genesis: 'It is not good for man to be alone; let us make him a help that is like himself.' REPLY: It was absolutely necessary to make woman, for the reason Scripture mentions, as a help for man; not indeed to help him in any other work, as some have maintained, because, where most work is concerned man can get help more conveniently from another man than from a woman; but to help him in the work of procreation. [...] HENCE: 1. Only as regards nature individual is the female something defective and *manqué*. For the active power in the seed of the male tends to produce something like itself, perfect in masculinity; but the procreation of a female is the result either of the debility of the active power, or of some unsuitability of the material, or of some change effected by external influences, like the south wind, for example, which is damp, as we are told by Aristotle. But with reference to nature in the species as a whole, the female is not something *manqué*, but is according to the tendency of nature, and is directed to the work of procreation. Now the tendency of the nature of a species as a whole derives from God, who is the general author of nature. And therefore when He established a nature, He brought into being not only the male but the female too (AQUINAS, 1963, xiii. 1a. 92. article 1).

A seguir, São Tomás de Aquino, discutindo sobre os tipos de sujeição lícitos ao dirigente superior, comenta que a mulher não só é inferior e está sujeita ao homem em virtude do pecado, mas também devido à ordem natural dos grupos humanos, nos quais, mesmo antes do pecado, o mais inteligente, e que tem mais poder de discernimento, comanda o menos apto (AUGUSTINE, 1982, XI. 37). Assim, de forma dupla, natural, mental e teologicamente, a mulher encontra-se inferiorizada

em relação ao homem, devendo-lhe obediência e sujeição à sua vontade e ao seu comando:

2. Subjection is of two kinds: one is that of slavery, in which the ruler manages the subject for his own advantage, and this sort of subjection came in after sin. But the other kind of subjection is domestic or civil, in which the ruler manages his subjects for *their* advantage and benefit. And this sort of subjection would have obtained even before sin. For the human group would have lacked the benefit of order had some of its members not been governed by others who were wiser. Such is the subordination in which woman is by nature subordinate to man, because the power of rational discernment is by nature stronger in man (AQUINAS, 1963, xiii. 1a. 92. article 1).

Continuando as considerações sobre a origem da mulher, São Tomás de Aquino, ainda no segundo artigo da *Summa Theologiae*, diante da pergunta sobre a origem da mulher, defende o caso de Eva ter realmente nascido do homem, pois, sendo o homem feito à imagem de Deus, nada mais digno e honroso que a mulher tenha dele nascido, sendo ele, dessa forma, a sua cabeça. Assim, assegurando a condição secundária da mulher na criação, apresenta o seguinte argumento:

REPLY: It was right for woman to be formed from man in the original establishment of things, for reasons that do not apply to the other animals. In the first place, this was desirable in order to maintain a certain style and dignity for the first man, by making him, in virtue of his likeness to God, the original of his whole kind, just as God is the original of the whole universe. So Paul says that God 'made the whole of mankind from one.' In the second place, this was good in order to make the man love the woman more and stick to her more inseparably, knowing that she had been brought forth from himself. [...] Thirdly, as Aristotle says, 'with man male and female are not only joined together for purposes of procreation, as with the other animals, but to establish a home life, in which man and woman work together at some things, and in which the man is head of the woman.' So the woman was rightly formed from the man, as her origin and chief. [...] (AQUINAS, 1963, xiii. 1a. 92. article 2).

Os comentários, até agora feitos, a respeito de alguns postulados aristotélicos referentes a aspectos e à importância da fisiologia dos aparelhos genitores, tanto nos animais quanto nos humanos, apresentam a imagem do sexo feminino em geral, e da mulher em particular, numa posição de discriminada inferioridade em relação ao do masculino. Tais comentários serviram de base para a formação de uma misoginia tradicional, cujas marcas mais profundas de ultraje misógino apareceram durante a Idade Média, especialmente no pensamento religioso.

Na esteira dessas ideias acerca da derrogação do corpo e do sexo femininos, R. Howard Bloch tem razão em afirmar que

[...] in the misogynistic thinking of the Middle Ages, there can, in fact, be no distinction between the theological and the gynaeccological (BLOCH, 1987, p. 20).

E a ginecologia do feminino medieval materializava a mulher como uma realidade orientada principalmente pelo corpóreo. Esse tipo de reducionismo medieval da mulher ao domínio da matéria e dos sentidos, principalmente na esfera do teológico, foi concebido alegoricamente por Santo Ambrósio, na sua conhecida representação alegórica da Queda, na qual a serpente é 'a type of pleasures of the body', a mulher 'stands for our senses' e o homem 'for our minds' (AMBROSE, 1961, XV. 73, p. 351).

Foram examinados até o momento alguns dos vários tratados da chamada literatura patrística da Idade Média (Santo Ambrósio, Santo Agostinho, Santo Anselmo) e o seu representante máximo em termos de legado (São Tomás de Aquino), a respeito da transmissão dos postulados antifeministas de origem aristotélica nas obras desses escritores religiosos medievais (FONSECA, 2009, p. 23-30).⁶ O que se examinará a seguir, conforme prometido anteriormente e para verificação a título de exemplificação da disseminação desses postulados de cunho filosófico para o campo do literário, será a presença daquela epistemologia misógina aristotélica na ideação e construção de uma obra que, conforme comentado anteriormente, por sua natureza, concepção e tratamento inventivo possui forte comprometimento com o literário: as *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha.

É no sentido de influência disseminadora do pensamento misógino medieval que – aparentemente inocente em termos de uma filiação misógina – surgem, no século VII, as *Etymologiae*, do santo de Sevilha, um estudo enciclopedista dos mais completos jamais escritos na Idade Média. Santo Isidoro de Sevilha cresceu na Espanha durante o domínio dos visigodos, fora educado num monastério, ordenando-se e, mais tarde, tornou-se Arcebispo de Sevilha. As suas *Etymologiae* tornaram-se conhecidas, com essa nomenclatura, devido à maciça ênfase que o livro dá às derivações de palavras-chave que aparecem sob cada assunto encabeçado para tratamento. A enciclopédia de Santo Isidoro – devido à enorme valoração filosófica e teológica dada à palavra (*verba*) como portadora, na

⁶Ainda sobre essa mesma temática da disseminação do pensamento antifeminista de Aristóteles e de seus seguidores do mundo antigo, ver Fonseca, *Fontes da misoginia medieval: ressonâncias aristotélicas no pensamento religioso medieval*, 2012, p. 1-24.

sua raiz ou no seu étimo, do sentido da substância e da realidade da coisa (*res*) – alcançou enorme influência e popularidade em toda a Europa medieval, sendo, inclusive, citada por muitos séculos depois.

A questão medieval do conhecimento e da identificação do sentido da realidade das coisas criadas por Deus, a partir da palavra designada para nomeá-las, tem procedência na própria Bíblia, no episódio em que o Criador delega a Adão a função de nomeação dos animais. Atesta esse procedimento epistemológico de conhecimento da coisa a partir do seu nome, a significativa presença do método etimológico de Santo Isidoro de Sevilha no bestário medieval, uma das mais importantes produções literárias da Idade Média.

A seleção de trechos a seguir, extraída das *Etymologiae* de Santo Isidoro de Sevilha, serve para identificar, nessa obra, a influência da tradicional visão de inferioridade constitutiva da natureza feminina que, elaborada pela fisiologia de Aristóteles, encontrou respaldo e transmissão, de forma ideologicamente simpática, por padres e pensadores religiosos, na sua maioria, misóginos da Igreja e da sociedade laica medieval. Nesse sentido, Santo Isidoro de Sevilha, sendo um deles, traduz para o domínio do conhecimento da língua, o que Aristóteles havia feito no domínio da fisiologia e da ciência:

17 - Vir nuncupatus, quia maior in eo vis est quam in feminis: unde et virtus nomen accepit; sive quod vi agat feminam. 18 - Mulier vero a mollitie, tamquam mollier, detracta littera vel mutata, appellata est mulier. 19 - Vtrique enim fortitudine et inbecillitate corporum separantur, Sed ideo virtus maxima viri, mulieris minor, ut patiens viri esset; scilicet, ne feminis repugnantibus libido cogeret viros aliud appetere aut in alium sexum prorueret (ISIDORE OF SEVILLE, 1982-3, XI. ii. 17-19).⁷

23 - Quae vero nunc femina, antiquitus vira vocabatur. 24 - Femina vero a partibus femorum dicta, ubi sexus species a viro distinguitur. Alii Graeca etymologia feminam ab ignea vi dictam putant, quia vehementer concupiscit. Libidinosiores enim viris feminas tam in mulieribus quam in animalibus. Vnde nimius amor apud antiquos vocabatur (ISIDORE OF SEVILLE, 1982-3, XI. ii. 23 - 24).⁸

⁷ 17 - O nome de varão (*vir*) se explica porque nele há maior força (*vis*) que na mulher: daqui deriva também o nome de virtude (*virtus*); ou talvez porque obriga a mulher por força. 18 - A mulher (*mulier*) deriva a sua denominação de doçura (*mollities*), como se disséssemos *mollier*, suprimindo ou alterando letras resulta o nome de *mulier*. 19 - A diferença entre o homem e a mulher radica na força e na debilidade de seu corpo. A força é maior no homem e menor na mulher, a fim de que a mulher possa suportá-lo, e além disso, não aconteça que, ao ver-se rechaçado pela mulher, o marido se veja empurrado pela concupiscência a buscar outra coisa ou deseje o prazer homossexual. (Tradução nossa).

⁸ 23 - Hoje em dia se emprega o termo *femina*, enquanto que na Antiguidade se usava o termo *vira*. . . 24 - *Femina* deriva a sua denominação das partes das coxas, *femur*, em que seu sexo se distingue do do varão. (Tradução nossa).

Entretanto, tanto no fisiologismo de Aristóteles quanto no etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha, a tônica comum é a da derrogação do feminino, a qual atinge o seu mais alto grau quando, a exemplo das *Etymologiae*, o fluido menstrual que – de simplesmente sujo e improfícuo, descarga seminal de um organismo naturalmente menos perfeito para Aristóteles – passa a ser diabolicamente destruidor das coisas, do homem e da natureza:

140 - Menstrua supervacuus mulierum sanguis. Dicta autem menstrua a circuitu lunaris luminis, quo solet hoc venire profluvium; luna enim Graece *mene* dicitur. Haec et muliebria nuncupantur; nam mulier solum animal menstruale est. 141 - Cuius cruoris contactu fruges non germinant, acescunt musta, moriuntur herbae, amittunt arbores fetus, ferrum rubigo corripit, nigrescunt aera. Si qui canes inde ederint, in rabiem efferuntur. Glutinum asphalti, quod nec ferris nec aquis dissolvitur, cruore ipso pollutum sponte dispergitur (ISIDORE OF SEVILLE, 1982-3, XI. i. 140-141).⁹

Apesar de ter sido originariamente abordada por Plínio, foi, a partir de Santo Isidoro de Sevilha, que essa verdadeira litania da desgraça do sangue menstrual entrou no imaginário das superstições medievais, adquirindo recrudescida virulência no final da Idade Média, quando a mulher passa a ser objeto de um obsessivo processo de demonologização.

Para o caso da verificação da misoginia de Aristóteles na *De generatione animalium*, cuja influência transladou-se da fisiologia para o domínio da linguagem nas *Etymologiae* de Santo Isidoro de Sevilha, um exemplo característico desse procedimento interdisciplinar aparece no chamado *Bestiário de Cambridge*, que se encontra atualmente na biblioteca da Universidade de Cambridge (Inglaterra), listado como MS. II. 4. 26. O seguinte trecho desse bestiário, tendenciosamente misógino, compara, utilizando-se do método etimológico, a natureza e as qualidades do homem com as da mulher, inclusive transcrevendo e ampliando com prédicas moralizantes, o seguimento das *Etymologiae* de Santo Isidoro de Sevilha, que trata do mesmo assunto (FONSECA, 2006, p. 172-175):

A man is called Vir because there is more worth (*virtus*) in him than there is in women. Hence also he gets the name of courage, or else because he governs this women by force (*vi*). Mulier the

⁹ *Menstrua* é o sangue supérfluo das mulheres. Denomina-se *menstrua* devido ao ciclo lunar, tempo que costuma mediar na repetição do fluxo; pois a lua se denomina *mene*. É conhecido também com o nome de *muliebria*, pois a mulher é o único ser vivente que tem menstruação. 141 - Ao contato com este sangue, os frutos não germinam, os mostos azedam, as ervas se esgotam, as árvores perdem seus frutos, o ferro fica corroído pela ferrugem, os bronzes se tornam enegrecidos. Se os cães comerem algo que esteve em contato com ele, tornam-se loucos. O betume do asfalto, que não se dissolve nem com o ferro nem com a água, desmorona-se no ponto em que é salpicado por este sangue. (Tradução nossa).

Woman is derived from 'weakness', since '*mollior*' (weaker), with a letter taken away or changed, becomes '*mulier*'. They are differentiated from man both in courage and in imbecility of body. Man has the greater capacity, woman the lesser, on purpose that she should give in to him: i. e., lest, with women being difficult about it, lust should compel men to look elsewhere and to go awhoring after another sex. She is called '*mulier*' from her femininity and not because of her weakness in having her chastity corrupted, for the language of Holy Writ is: 'And Eve was suddenly made out of the side of her man'. Not by contact with man is she called '*mulier*'. The scriptures say: 'And he (God) formed her into a woman.' [...] Actually, '*femina*', a woman, comes from '*femur*' the upper part of the thigh, where the appearance of sex is different from man's. Others, by using a Greek derivation say that it is because of the fiery force with which a woman vehemently lusts, and that females are more longing than males, both in humans and in animals. Too much love was therefore thought to be effeminate among the ancients (WHITE, 1984, p. 222-223).

Os pronunciamentos acima, extraídos das *Etymologiae* de Santo Isidoro de Sevilha, ressoando as ideias de Aristóteles e de outros pensadores da Idade Média, indicam claramente uma ampliação figurada e ideológica de postulados fisiologistas para o terreno moral, com características edificantes em termos patriarcais, respaldados pela doutrina religiosa acerca da representação do gênero. Isso pode ser ratificado pelo fato de o bestiário – obra ideologicamente comprometida com a edificação moral e a salvação do homem, simbolicamente auxiliadas pelo enaltecimento exemplar das virtudes dos animais e pela condenação dos seus vícios – tratar da questão do gênero, apontando excelências no homem em detrimento das qualidades da mulher. Graciano (século XII), por exemplo, dentre outros, sintonizando os pronunciamentos de Santo Isidoro de Sevilha e do bestiário acerca da superioridade do homem, mantém que homem (*vir*) não deriva apenas de força (*vi*), mas de uma força especial, a da mente (*virtus animi*). Quanto à mulher (*mulier*), comenta que a palavra veio de amolecimento da mente (*mollities mentis*) (FRIEDBERG, 1955, i, col. 1145).

O fato de Santo Isidoro de Sevilha aventar a hipótese de que *femina* (mulher) possa ser suposto por alguns como proveniente da etimologia grega para significar força que queima (i. e., da palavra grega *fos*), por causa da maior intensidade do desejo sexual encontrada no sexo feminino, levou os defensores da mulher a preferir ligar o significado etimológico da palavra *mulier* a *mollities* (i. e., apenas mais fraca, amolecida). Também aquela noção de

que *femina* recebeu esse nome em razão da fêmea, não só entre os animais, mas também entre os humanos, ser mais libidinosa, derivou o uso da palavra efeminado (*femineus*) ser, entre os antigos, aplicada àqueles que manifestassem um excesso de amor (ISIDORE OF SEVILLE, 1982-3, III. 50). Essa noção encontrou larga difusão na Idade Média, a ponto de Andreas Capellanus (1982) aconselhar os seus protegidos a reprimir o prazer físico (*voluptatem*), procedendo como homens verdadeiros (*viriliter*).

Conclusão

Essa sucinta coletânea, de feitiço comparado, examinou a influência disseminadora da fisiologia de Aristóteles em alguns seguidores seus, que se tornaram pilares fundamentais da tradição misógina medieval não só no campo da filosofia religiosa (Santo Anselmo e São Tomás de Aquino), mas também no interessante domínio do conhecimento etimológico, tal qual exposto, de forma ímpar, nas *Etymologiae* de Santo Isidoro de Sevilha. Assim, o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha, ambos sintonizados em postulados que definiram a tradicional misoginia, são apenas duas das muitas ideias fundadoras dessa tendência discriminatória da mulher no pensamento e na cultura do homem ocidental.

Referências

- ALLEN, P. **The concept of woman**: the Aristotelian revolution 750 BC-AD 1250. 1st ed. Montreal: Eden Press, 1985.
- AMBROSE, St. **Hexameron, paradise, and Cain and Abel**. Translation J. J. Savage, FOC, xlii. 1st ed. New York: Fathers of the Church, Inc., 1961.
- CAPELLANUS, A. **Andreas Capellanus on love**. Ed. and translation P. G. Walsh. 1st ed. London: Duckworth, 1982.
- ANSELM, St. **Anselm of Canterbury**. Ed. and translation Jasper Hopkins and Herbert Richardson. 1st ed. London: SCM Press; Toronto: Edwin Mellen Press, 1974. v. I.
- AQUINAS, St. T. **Summa theologiae**, xiii; xxxiv. Gen. ed. Thomas Gilby, OP. 1st ed. London: Blackfriars, in conjunction with Eyre and Spottiswoode, 1963.
- ARISTOTLE. **Generation of animals**. Translation A. L. Peck. 3rd. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1963.
- AUGUSTINE, St. **The literal meaning of genesis**. Translation John Hammond Taylor. 1st ed. New York: Newman Press, 1982.
- BLAMIRE, A. **Woman defamed and woman defended: an anthology of medieval texts**. Oxford: Clarendon Press, 1992.

- BLOCH, R. H. Medieval misogyny. **Representation**, v. 1, n. 20, p. 1-24, 1987.
- BORRESEN, K. **Subordination and equivalence**: The Nature and Role of Women in Augustine and Thomas Aquinas. Trad. C. H. Talbot. Washington, D.C.: Catholic University Press of America, 1981.
- FONSECA, P. C. L. O bestiário medieval e a representação derogatória do feminino: o exemplo do manuscrito de Cambridge. **Signótica**, v. 18, n. 1, p. 163-175, 2006.
- FONSECA, P. C. L. Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminado em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. **Notandum**, ano 12, v. 1, n. 21, p. 23-30, 2009.
- FONSECA, P. C. L. Duas noções fundadoras da construção da inferioridade feminina: o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 1-7.
- FONSECA, P. C. L. Fontes da misoginia medieval: ressonâncias aristotélicas no pensamento religioso medieval. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; MUNIZ, M. R. C.; SODRÉ, P. R. (Ed.). **Série Estudos Medievais 3**. Araraquara: GT de Estudos Medievais/Unesp, 2012. p. 168-188.
- FRIEDBERG, A. **Corpus Iuris Canonici, Decretum Magistri Gratiani**. 1st ed. Leipzig: Graz, 1955. pt. I.
- GALEN. **Galen**: On the usefulness of the parts of the body. Translation Margaret Tallmadge May. 1st ed. Ithaca: Cornell University Press, 1968.
- GÊNESIS. In: **Bíblia**. Tradução Ecumênica Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- ISIDORE OF SEVILLE. **Etimologías**. Ed. bilingue de J. Oroz y M. A. Marcos. Madrid: BAC, 1982-1983. v. II.
- JACQUART, D.; THOMASSET, C. **Sexuality and medicine in the middle ages**. Translation M. Adamson. 1st ed. Cambridge: Polity Press, 1988.
- JEROME, St. **The principal works of St. Jerome**. Translation W. H. Freemantle. Select Library of Nicene and Post-Nicene Fathers, vi. 1st ed. Oxford: James Parker and Co.; New York: Christian Literature Co., 1893.
- MIGNE, J. P. **Patrologiae Cursus completus**. Series Latina. Paris, 1844-1864.
- ROUSSELLE, A. **Porneia**: On desire and the body in antiquity. 1st ed. Translation F. Pheasant. Oxford: Blackwell, 1988.
- WHITE, T. H. **Book of beasts**: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century. 1st ed. New York: Dover Publications, Inc., 1984.

Received on April 16, 2012.

Accepted on July 12, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.